



O INFERNO E A SUA INSTITUIÇÃO

Daniel Lula Costa¹

RESUMO: Na Idade Média a ideia de Inferno foi muito divulgada pelo discurso religioso cristão. Entre o século XI e o século XV, este ambiente tornou-se homogêneo e adquiriu força na mentalidade da sociedade medieval. Por meio da distribuição de informações, diversos foram os meios nos quais o inferno foi representado e documentado. Tanto nas pinturas de Giotto, Bosch, Sandro Botticelli como nas narrativas medievais possuímos uma representação do Inferno instituído. Na Idade Média a obra literária que se destacou foi a *Divina Comédia*, escrita por Dante Alighieri no início do século XIV. A obra foi dividida em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Aquela que mais nos interessa é a primeira: o Inferno. Dante divide este ambiente em nove círculos infernais diferenciados pelos pecados, punições e demônios. Nossa pesquisa visa estudar a instituição do Inferno Dantesco e de seus círculos. Como referencial teórico utilizaremos as idéias do sociólogo Peter Berger, por meio dos conceitos de exteriorização, objetivação e interiorização.

PALAVRAS-CHAVE: Instituição; Inferno; Medievo;

1 INTRODUÇÃO

A ideia de Inferno, Purgatório e Paraíso estava presente no discurso religioso de uma maneira radicalmente detalhada, em que encontramos o Inferno associado a monstros, à dor, à escuridão, ou seja, ao medo que impressionava o homem medieval. É da natureza humana temer, mas aquilo que será temido é construído pela sociedade na qual estamos limitados, ou muitas vezes é associado a dor, ou a aquilo que transmite ameaça ao nosso ser: “a necessidade de segurança é portanto fundamental; está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo de vida.” (DELUMEAU, 2009, p.23).

O Inferno medieval é construído ou pensado como uma estrutura composta por círculos, ou seja, dividida em determinadas seções que se afunilam da superfície terrestre até o núcleo de nosso planeta. Estes círculos foram assimilados pela sociedade por meio de diversas teorias presentes nos estudos de Ptolomeu e posteriormente adotados por Aristóteles: a teoria dos círculos concêntricos. O objetivo desta teoria é explicar o Cosmo e todas as suas possíveis estruturas.

Na composição da *Divina Comédia*, Dante foi influenciado por estes estudos e explicou todos os ambientes do pós-morte por meio desta teoria. Temos o Inferno dividido

¹ Acadêmico do Curso de Mestrado em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UEM. Maringá - Paraná. daniellcosta23@yahoo.com.br

em nove círculos, o Purgatório composto por sete cornijas e mais dois ambientes, o Antepurgatório e a entrada para o Paraíso; já o Paraíso é dividido em nove céus ou esferas andantes. Segundo o historiador Russel:

O significado interno da Divina Comédia aparece na sua característica mais notável: a estrutura do seu Cosmos. O arranjo de Dante baseou-se na filosofia e ciência aristotélica, ptolomaica e neoplatônica, mas o poeta não pretendeu escrever um tratado astronômico, geográfico ou, em outro sentido moderno, um tratado físico ou científico sobre o universo. Ele desejou muito retratar o Cosmos de acordo com seu desígnio moral. (RUSSEL, 2003, p. 208)

O Inferno de Dante encontra-se dividido por um sistema hierarquizado dos pecados. À medida que Dante e Virgílio descem pelos círculos, piores ficam as punições e as ações pecadoras. Alguns historiadores afirmam que o autor baseou-se na teoria aristotélica para organizar os pecados. O Inferno é composto por nove círculos: no primeiro possuímos o Limbo, onde estão os não batizados e aqueles que nasceram antes de Jesus Cristo; do segundo ao sexto círculos estão os pecados cometidos por instinto, ou seja, a incontinência; no sétimo está a violência; no oitavo, a fraude; e no nono e último círculo, a traição

Dante Alighieri, em sua obra magna, *Divina Comédia*, descreve os ambientes do pós-morte com uma riqueza de detalhes que nos faz pensar por meio de imagens. Normalmente ele conseguiu descrever estes ambientes pelo discurso religioso, por meio de características diversas. No Inferno possuímos os elementos que produzem medo e aqueles que punem e provocam dor. Além de ser um ambiente quente, também encontramos um determinado local congelado. Dante organizou o Inferno e o dividiu em nove círculos, cada um definido por um tipo de pecado, um tipo de punição, por detalhes estéticos e pelos demônios residentes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Utilizamos como fonte a obra: *Divina Comédia*, escrita por Dante Alighieri no final do século XIII. Esta obra foi dividida em três partes: *O Inferno*, *O Purgatório* e *O Paraíso*. Para cumprir com nosso objetivo consultamos, principalmente, a primeira parte: *O Inferno*. Para conhecermos o contexto e o cenário que compunha o imaginário medieval foi necessário estudarmos diversos livros e artigos. Muitos destes materiais foram encontrados em bibliotecas públicas, outros foram adquiridos. Outro meio de pesquisa utilizado foi a internet, diversos artigos publicados em revistas eletrônicas foram consultados no decorrer do estudo.

Como nos propomos a pesquisar uma obra literária foi necessário aumentar o diálogo entre a História e a Literatura. Foram consultados estudos realizados pela Escola dos Annales e por pesquisadores como, por exemplo, Roger Chartier e Todorov. Visamos uma narrativa histórica composta pelos alicerces da História Cultural e de seus diversos instrumentos de análise. Por meio deste método visamos compreender a instituição do Inferno como uma realidade objetiva, interiorizada no imaginário medieval. O referencial teórico que utilizamos provém dos estudos do sociólogo Peter Berger, o qual apresenta três conceitos que serão explicados a seguir: a exteriorização, a interiorização e a objetivação.

O sociólogo Peter Berger analisa a necessidade do homem de construir o seu próprio mundo, ou seja, um local adequado para viver. Para analisar esta *construção social da realidade* Berger utiliza alguns conceitos que são explicados pelo processo dialético fundamental da sociedade, a saber, a exteriorização, a objetivação e a interiorização.

A exteriorização, de acordo com Berger, “é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens.” (BERGER, 2004, p.16). A objetivação é o produto desta relação do homem com o mundo no qual ele está inserido, ao passo que a exteriorização do homem possibilita a construção de mundos que lhe são exteriores e que passam a confrontá-lo, ou seja, “o mundo humanamente produzido atinge o caráter de realidade objetiva” (BERGER, 2004, p.22). Ao ser considerado como realidade objetiva, o mundo construído passa a ser real para o homem, e não mais passível de uma discussão de inexistência. Ele simplesmente está instituído, sendo material ou não. Por sua vez, a interiorização, para Berger, “é antes a reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as estruturas deste mundo vêm a determinar as estruturas subjetivas da própria consciência.” (BERGER, 2004, p.28).

De acordo com estes conceitos, podemos observar que o Inferno passa a ser compreendido pelo homem medieval como realidade objetiva. Este começa a interiorizar o termo e dar razão à sua existência, de modo que as suas ações são determinadas pelas estruturas deste local do pós-morte, ou seja, elas influenciam as escolhas da consciência humana. O indivíduo compreende o Inferno como um fenômeno interno de sua mente, e também o entende como fenômeno de uma realidade externa.

Encontramos meios de interpretar e entender como este lar de demônios estruturou-se no Medievo. O Inferno estava presente em diversos instrumentos, como as obras de arte de Bosch, Giotto e Sandro Botticelli e a *Divina Comédia* e a *Visão de Túndalo*. Estas fontes demonstram as representações do diabo e de seu esconderijo de acordo com o contexto no qual estavam inseridas. Além disso, sabemos que as pregações e os sermões eram dirigidos à população de fiéis que muitas vezes estes discursos relembavam a ação do diabo e de seus comparsas, o que fortalecia a legitimidade destes seres.

O Inferno como instituição passa a conduzir a conduta humana, e, como coloca Berger, “As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis.” (BERGER, 1974, p.80). Não somente a ideia de Inferno mas todas as formas de instituição implicam historicidade e controle; elas são produtos de sua história e, conseqüentemente, necessitam de legitimação, algo que dê sentido ao mundo institucional, explique-o e justifique-o.

Esta legitimação do Inferno é praticada pela profissão de fé religiosa, que tende a manter este mundo ativo. O Inferno passa a ser explicado e dado como tradição já inserida na memória desta sociedade, ou seja, ele já possui a sua historicidade, portanto deve ser controlado e lembrado pelos instrumentos de propagação de ideias. O meio utilizado é, muitas vezes, o linguístico, pois “A linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento.” (BERGER, 1974, p.96).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Inferno de Dante origina-se da queda do anjo Lúcifer, que, ao tentar ocupar o lugar de Deus, é castigado e expulso do Paraíso. Desse modo Lúcifer é jogado na Terra, e de sua queda é formado o Inferno, ambiente que se afunila até o centro do planeta. Neste cenário estão os círculos do Inferno, que somam nove no total. Cada círculo possui um tipo de pecado e uma determinada punição, de modo quanto mais se desce pelos círculos piores são suas punições. No século XV o pintor Sandro Botticelli (1445-1510) ilustrou este modelo de Inferno.

Diversos foram os autores e pintores que descreveram o Além-túmulo com muitos detalhes, mas dentre os escritores do Medieval, o que mais se destacou foi Dante Alighieri. O Inferno dantesco é uma união de representações que circulavam no discurso religioso cristão, o que fortalecia a aceitação de suas ideias, que assim eram interiorizadas pela sociedade. O medo deste ambiente conduzia a conduta dos fiéis e até mesmo a daqueles que escutavam as histórias que envolviam este local de punições.

4 CONCLUSÃO

Percebemos, por meio das descrições das obras de arte e literárias, que o Inferno esteve mais homogêneo na mentalidade medieval a partir do ano mil. O Inferno já estava instituído no discurso religioso, o que lhe garantia legitimidade. Por meio do Inferno de Dante conseguimos analisar a descrição de um ambiente punitivo e grotesco, onde eram punidas as almas dos que haviam praticado o mal e se colocado contra os ensinamentos cristãos. A nomenclatura do ambiente como “Inferno” já confirma sua aceitação e identidade perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Italo Eugenio Mauro. Edição bilíngue. 15ª Ed. São Paulo: Editora 34. 2008.

BERGER, P. **O Dossel Sagrado**. 5ª Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, P. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1981.

LINK, L. **O Diabo: A Máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

RUSSEL, J. B. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.